

**ARRIÉGUA!... O OXENTE INVADIU O RAP:
A NORDESTINIDADE RECONFIGURANDO O RAP**

Wagner Pavarine Assen (UEMS)

wagner.assen@gmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

Uma nova roupagem do que antes era de domínio exclusivo dos mais urbanos e onde o cenário cosmopolita da rua era a única voz, nasce mais parecendo uma “volta as origens” de onde saiu, através de RAPadura Xique-Chico, o rap além de ganhar voz marcada pelo “sertão” ganha o resgate da cultura tão plural e significativa. O presente estudo buscar elencar parâmetros da linguagem inseridos nesse contexto, analisando aspectos sociolinguísticos da composição das canções na intenção de definir o caráter identitário pode detrás do manifesto artístico.

Palavras chaves: Nordestinidade. Música. Sociedade. Rap. Nacionalidade.

1. Introdução

A manifestação artística do RAP cosmopolita cede passagem às mãos “calejadas” de um repentista embolador, que ao som remixado de Luiz Gonzaga e Marinês enaltece a figura nordestina valorizando as mais diversas expressões culturais do povo do sertão. Com uma métrica que se encaixa numa arquitetada mescla da sanfona com as batidas tradicionais do RAP, abusa dos sotaques e regionalismos o rapper/repentista nordestino RAPadura traz o fole, a zabumba e o triângulo para dialogarem com os djs, os vinis e os sons computadorizados. Numa escrita, lírica, poética definida pelo próprio autor/cantor como “arada”, mano vira cabra, o tênis sai e vêm as sandálias de couro e o boné é trocado pelo chapéu de cor ou de palha. Este estudo abordará os aspectos da linguagem regionalista e o todo cultural formador de uma arte musical de resgate de valores esquecidos. Com base nos pressupostos linguísticos o seguinte estudo abará a linguagem de um discurso que revisita o passado dos cordelis-

tas e emboladores, estudar-se-á a canção e suas peculiaridades regionais, suas variações linguísticas e seu hibridismo entre o sertão e urbano, que se dá por conta da história do *Rap* e do repente. Influenciado pelos cantadores e forrozeiros clássicos do nordeste brasileiro o músico carrega a bandeira do nortista numa busca indenitária enaltecadora. Não bairrista ou panfletária, mas que, com justiça, age de modo a se expressar artisticamente. A rapadura de engenho toma o lugar das bolachas (vinis) numa briga saudável de “peixeiras linguísticas” onde quem ganha é a cultura popular brasileira. O sotaque e a rítmica nordestina são retratados numa espécie de ruptura como os ideais urbanos das composições dos rappers atuais. A mensagem de conflito e situações sociais cotidianas que o *rap* carrega ao longo dos anos não se desfaz, a intenção do autor é misturar os ritmos e ainda sim passar uma mensagem reflexiva. Nesta mística valorização do que vem de fora o rapper e repentista vai além, cria o termo “fita embola” a versão brasileira de “mixtape”. Sendo assim este artigo busca analisar tal manifestação artística e suas reverberações nos parâmetros de língua e linguagem.

O mais interessante de se notar é que há um resgate das origens, da valorização rítmica, folclórica, da literatura de cordel, das festas, das comidas típicas do norte, a começar pelo nome no nosso artista em questão RAPadura. Isso demonstra que a pós-modernidade esfacela as identidades e dissolve um posicionamento deste tipo, o *rap* é um estilo de música altamente crítico que antes de qualquer manifestação cultural se faz constrói através da reflexão. Neste sentido a música de RAPadura se inseri numa espécie de caminho inverso, que apesar de ceder as misturas tanto ideológicas quando melódicas, marca a nordestinidade com valor primário.

Francisco de Almeida dos Santos, o RAPadura Xique-Chico, nascido em Lagoa Seca, pequena vila do município de Fortaleza no Ceará em 11 de julho de 1984, muda-se para a cidade de Brasília com treze anos de idade. O apelido veio dos amigos de infância por ter como costume comer muito do doce após as partidas de futebol. Suas primeiras composições começaram a aparecer aos 14, inspirado pela saudade da sua terra natal, o nordeste. Em 2006 faz sua primeira parceria com o rapper e poeta brasiliense GOG (Genival Oliveira Gonçalves), com a canção “A quem possa interessar”.

Sua carreira a partir de então ganha notoriedade e no ano seguinte ganha o prêmio Hutúz na categoria “Grupo ou Artista Solo Norte/Nordeste”, dois anos depois é escolhido, também no Prêmio Hutúz,

como um dentre os três melhores cantores do Norte e Nordeste da última década. Lança em fevereiro de 2010 seu primeiro álbum com o nome “*Fita Embolada de Engenho – Rapadura na boca do povo*”. A famosa “mixtape” americana porém com nome brasileiro, com oito canções. Nessa mistura de embolada, baião, forró, maxixe entre outros ritmos tipicamente nordestinos é que RAPadura cria sua arte, trocou os tênis, os bonés e calças jeans largas pelas sandálias de couro, chapéu de couro e a simplicidade de uma vestimenta apropriada para o calor da terra de Padre Cícero.

Integrante de uma produtiva safra da música popular brasileira, RAPadura pode ser considerado um artista de vanguarda. A inusitada “embolada” do rap com o repente, o coco, o maracatu, a capoeira, o forró, o baião e as cantigas de roda, fazem dele um dos percussores no século XXI de um movimento em defesa da cultura popular que surge da integração do rap contemporâneo à música de raiz. RAPadura desenvolve um trabalho voltado para o universo do canto falado. Uma mistura arrojada de rap com a tradição da cultura popular brasileira. Suas letras são contundentes e exalam uma linguagem poética sem perder a identificação com o povo. Falam do Nordeste, da seca, do agricultor, da mulher rendeira e também falam da cidade e dos processos de urbanização. “*Vejo o meu trabalho como uma verdadeira preservação das nossas raízes culturais do Brasil.*” – RAPadura Exportando o sumo da cana para o mundo, o público que vai ao show do RAPadura Xique-Chico pode conferir uma verdadeira celebração, onde tem-se no palco uma comprometida parceria com artistas e ativistas do campo e da cidade, ou seja, Artistas. Para quem já compartilhou dos mesmos eventos e palcos que Lenine, Gerson King Combo, Detonautas, Paulo Diniz, Maria Rita, Jorge Aragão, MV Bill, Gog e Racionais MC’s, o desafio agora é atender ao chamado para uma missão mais do que especial: representar seu Norte e Nordeste, levar sua cultura para os quatro cantos do mundo. Este é o RAPadura Xique-Chico, artista ímpar na cultura brasileira. RAPadura por essência, Xique por resistência, Chico por sorte de ‘benção’. “*Não vejo cabra da peste, só carioca e paulista, só freestyleiro em nordeste, não querem ser repentistas, rejeitam xilogravura, o cordel que é literatura, quem não tem cultura, jamais vai saber o que é RAPadura!*” Trecho da música “Norte Nordeste me veste” (Trecho extraído do site rapadura.com.br O CABRA)

As influências de RAPadura foram cruciais para construção de suas músicas, sendo assim com a propagação de suas canções a nordestinidade ganha um espaço ainda dominado pelos mcs de São Paulo e Rio de Janeiro. Na mistura embolada do rap com o repente uma canção cheia de virtude e valorização, do vaqueiro, das lavadeiras, das xilogravuras e cordel, vai à contramão do monopólio urbano que a canção, no Brasil inteiro, sofre. E sabendo, assim dito numa de suas canções que “*foram nossas mãos que levantaram os concretos e prédios*” sua canção se dá com o intento de se apossar de algo que fora usurpado. Aqui o caminho é

da negatividade e da resistência “*primeiro pro povo depois pra exportação*”. Sua ideologia é bem marcada, sua composição:

Minhas irmãs, meus irmãos, Oxe! Se assumam como realmente são. Não deixem que suas matrizes, que suas raízes morram por falta de irrigação. Ser nortista e nordestino, meus conterrâneos, não é ser litorâneo. É ter em nossa mão um destino nunca clandestino para desfechos metropolitanos.

2. *Do forró ao RAP*

O forró é de longe o ritmo que mais representa a cultura nordestina, e tem nas festas juninas sua principal comemoração artística. Luís Gonzaga, Marinês e Elinó Julião formam o cancioneiro popular nordestino marcando com sotaque, zabumba, triângulo e sanfona peculiaridades do sertão e da vida, por vezes sofrida, do nordestino.

Todo cantor nordestino simboliza em suas músicas o cotidiano simples, dos amores, do violeiro precedido pelo baião o forró mais sanfonado é carregado de léxico marcadamente regional com expressões típicas nordestinas. Conta-se que o nome “arrasta pé” tem origem nos bailes onde o chão de terra batida fazia com que a poeira subisse por isso a necessidade de se dançar “arrastando os pés”. Segundo Luiz Câmara Cascudo o nome forró deriva da palavra *forrobodó*, que significa farra, bagunça, a até arrasta pé.

O movimento *rap* chega ao Brasil no final dos anos 70, tem início de sua trajetória na cidade de São Paulo. Bebendo das fontes dos cliques e sons vindos dos Estados Unidos, jovens paulistanos se encontravam na estação São Bento do Metrô e na Praça Roosevelt, no centro, dançavam e cantavam o break com seus passos e o *rap* com suas letras improvisadas assim como o repente. A mesma identidade marginalizada dos adeptos dos primórdios do *rap* é coincidente a do cantor nordestino, nos EUA o movimento cresce com a chegada de jamaicanos e porto-riquenhos e aqui com a vinda de nordestinos que procuravam as melhores condições de vida.

Lá estavam, Thaíde, Dj Hum, os hoje Grafiteiros Gêmeos e os precursores e construtores de uma identidade mais nacionalista e ideológica possível no cenário da música popular de resistência e protesto os Racionais MCs, que completam neste ano vinte e cinco anos de carreira.

O ponto chave de similaridade entre ambos os estilos é a identidade regional que cada um carrega. No forró a cultura ímpar que só se en-

contra no sertão, no *rap* a urbanidade o moderno e a influência da *Black music* americana e dos guetos.

RAPadura em sua fita embolada funde a batida contundente e letras acidas do *rap* com malemolência do forró, remixando e remasterizando numa poética rica no âmbito linguístico e diversificada na melodia. Mostrar-se-á que a inovação produto da junção da linguagem cosmopolita com a nordestina reconfigura o cenário até então estagnado do cancionero popular.

3. Das linguagens e canções

Diante de um processo de “americanização” que naturalmente o *rap* e a música brasileira em geral sofre RAPadura, de certa forma e guardadas as proporções inevitáveis, resiste a essa máxima que sempre copia o que vem de fora desvalorizando o nacional.

Esta característica de resistência e negatividade configura uma espécie de busca por lugar comum que se esfacelou com a pós-modernidade, não se sabe o percurso que o levou até determinado ponto e tampouco a que comunidade pertence.

Sendo assim analisaremos duas canções, com breves explicações sobre suas melodias, na intenção de apontar as marcas de regionalismos presentes tanto na linguagem (escolha do vocabulário) quanto para esclarecer figurações da identidade nordestina que formam a poesia cantada de RAPadura.

Nessa diversidade e pluralidade léxica é que se constrói a ideológica música do artista nordestino. Tomamos como exemplo a análise da canção “Norte Nordeste Me Veste”:

O nordeste é poesia
Deus quando fez o mundo
Fez tudo com primazia
Formando o céu e a terra
Cobertos com fantasia
Para o sul deu a riqueza
Para o planalto a beleza
E ao nordeste a poesia

(Trecho de Patativa do Assaré)

Rasgo de leste a oeste como peste do sul ao sudeste
Sou *rap* agreste norte-nordeste epiderme veste

Arranco roupas das verdades poucas das imagens foscas
 Partindo pratos e bocas com tapas mato essas moscas
 Toma! eu meto lacres com backs derramo frases ataques
 Atiro charques nas bases dos meus sotaques
 Oxe! querem entupir nossos fones a repetirem nomes
 Reproduzindo seus clones se afastem dos microfones
 Trazem um nível baixo, para singles fracos, astros de cadastros
 Não sigo seus rastros, negados padraos
 Cidade negada como madrasta, enteados já não arrasta
 Esses órfãos com precatas, basta! ninguém mais empata
 Meto meu chapéu de palha sigo pra batalha
 Com força agarro a enxada se crava em minhas mortalhas
 Tive que correr mais que vocês pra alcançar minha vez
 Garra com nitidez rigidez me fez monstro camponês
 Exerce influência, tendência, em vivência em crenças destinos
 Se assumam são clandestinos se negam não nordestinos
 Vergonha do que são, produção sem expressão própria
 Se afastem da criação morrerão por que são cópias
 Não vejo cabra da peste só carioca e paulista
 Só freestyleiro em nordeste não querem ser repentistas
 Rejeitam xilogravura o cordel que é literatura
 Quem não tem cultura jamais vai saber o que é rapadura
 Foram nossas mãos que levantaram os concretos os prédios
 Os tetos os manifestos, não quero mais intermédios
 Eu quero acesso direto às rádios palcos abertos
 Inovar em projetos protestos arremesso fetos
 Escuta! a cidade só existe por que viemos antes
 Na dor desses retirantes com suor e sangue imigrante
 Rapadura eu venho do engenho rasgo os canaviais
 Meto o norte nordeste o povo no topo dos festivais, toma!

Êha! ei! nortista agarra essa causa que trouxeste
 Nordestino agarra a cultura que te veste
 Eu digo norte vocês dizem nordeste
 Norte nordeste norte nordeste

"Minhas irmãs, meus irmãos, oxe! se assumam como realmente são
 Não deixem que suas matrizes, que suas raízes morram por falta de irrigação
 Ser nortista & nordestino meus conterrâneos num é ser seco nem litorâneo
 É ter em nossas mãos um destino nunca clandestino para os desfechos metro-
 politanos".

Devasto as galerias tão frias cuspo grafias em vias
 Espalho crias nas linhas trilhas discografias
 Arrasto lp's, ep's cds, dvds
 Cachês, clichês, surdez, vocês? não desta vez!
 Esmago boicotes com estrofes em portes cortes nos flogs
 Poetas pobres em montes dão choques em hip pops
 Versos ferozes em vozes dão mortes aos tops blogs
 Repente forte do norte sacode em trotes galopes
 Meto a fita embolada do engenho em bilhetes de states
 Dou breaks em fakes enfeites cacete nas mix tapes

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Bloqueio esses eixos os deixo sem alimentação
Alheios fazem feio nos meios de comunicação
Essas rádios que não divulgam os trabalhos criados em nossos estados
Ouvintes abitolados é o que produz
Contratos que pagam eventos forçados com pratos sobre enlatados
Plágios sairão entalados com esse cuscuz
Ao extremo venho ao terreno me empenho em trampo agrônomo
Espremo tudo que tenho do engenho a um campo autônomo
Juntos fazemos demos oxigênicos anônimos
E não gêmeos fenômenos homogêneos homônimos
Caros exteriores agrários são os criadores
Diários com seus labores contrários a importação
São raros nossos autores amparo pra agricultores
Calcários pra pensadores preparo pra incitação

(Repente)

Sou coco e faço cocada embolada bolo na hora
Minha fala é a bala de agora é de aurora e de alvorada
Cortando o céu da estrada do nada eu faço de tudo
Com a enxada aro esse mundo e no estudo faço morada
Sou doce lá dos engenhos e venho com essa doçura
Contenho poesia pura a fartura de rima tenho
Desenho nossa cultura por cima e não por de baixo
Não sabe o que é cabra macho? Me apresento RAPadura
Espanco suas calças largas com vagas para calouros
Estranha o som do Gonzaga a minha sandália de couro
Que esmaga cigarras besouros mata nos criadouros
Meu povo o maior tesouro amor regional duradouro
Recito os ribeirinhos o mar abaixo em vivência
Um norte com essência não enxerga essa concorrência
São tão iguais ouvi vários e achei que era só um
Se no nordeste num tem grupo bom
Não tem em lugar nenhum, toma!

Logo de início vemos a exaltação do artista nordestino, RAPadura inicia a música com um verso de Patativa do Assaré, que na canção é declamado pelo próprio Patativa. O som tem de fundo a batida clássica do *rap – bum clap, bum, clap* – porém de no fundo um som de violino que remete imageticamente a caminhada pelo sertão e ao som das rodas dos carros de boi.

Ao começar o verso com “Oxe!” contração de *oxente* escolha que se explica no decorrer da estrofe, interjeição de espanto, susto ou indignação. Marca regional bem nordestina, mesmo que o sujeito aqui seja indeterminado fica clara a acida crítica a repetição dos mesmos cantores de sempre num monopólio que não abre espaço para o novo.

“Meto meu chapéu de palha e vou pra batalha” ao invés dos clássicos bonés de abas retas bem ao estilo do beisebol americano, a batalha é a famosa batalha de improviso que também se faz no repente ao som do pandeiro. Numa ideologia bem amarrada os versos ainda contam com o seguinte “tive que correr mais que vocês pra alcançar minha vez” relato claro de um grito que expurga identidade não só do cantor, mas de seu povo.

Agarrando enxadas, cordel, xilogravuras e cordel também aparecem na canção. *Êha!* Interjeição feita para que se freie o carro de boi ou animal de montaria, cavalo ou mula. “Estanha o som do Gonzaga a minha sandália de couro”, o Gonzaga é o Luiz e a sandália as famosas de couro trabalhado.

A canção em si é clara e as marcas regionais ficam latentes na escolha do léxico, porém não é óbvio, é necessário contrastar com o lugar onde o eu lírico da canção está se locomovendo, a cidade, a metrópole.

Numa quebra brusca de ritmo, melodia e velocidade com que se declama os versos, aparece o repente, com a batida tradicional da embolada nordestina “sou coco e faço cocada embolada bolo na hora”. Aqui o freestyle, categoria do *rap* onde se canta de improviso se funde ao repente que por sua vez fora grande influenciador mesmo que distante dessa modalidade mais moderna, o repente é mais uma marca clara de *nordestinidade*, aqui a batida “bum-clap” dá lugar ao tradicional pandeiro.

Não diferente na canção “Amor Popular”, RAPadura mescla a batida do *rap* com o fole de Gonzagão, que abre a música com um trecho de uma das magistrais canções: “*A tradição Desse meu fole velho É conservada na alma do povo*”. E continua:

Chegue, se aconchegue menina
Chegue meu bem
Se chegue aqui perto de mim
Que teu calor me faz bem
No arrasta pé que bole mulher
Que mexe “fulôr”
Que faz suor descer pelo pé, olha meu amor
Faz a palhoça pegar fogo, incendiar coração
Corpo colado ao outro tremendo de emoção
Faz se juntando todo esse chão, deixa solidão
Deixa sua noite mó* bater, deixa a zabumba trazer multidão
Pra ver o dia clarear fazendo a sanfona gemer
Pro meu povo se alegrar, adoçar o viver
Que possa ser o dia mais bonito que já se viu
Por tudo que se floriu, por tudo que se sentiu

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Felicidade expandiu, todo sertão se buliu
Todos souberam que foi no Brasil que isso surgiu
Tipo rap com baião, tipo canção com batidão
Tipo RAPadura e Véio Gonzagão, a melhor dupla do sertão

Nesta canção em particular RAPadura traz a tona o amor pelas coisas de sua terra a começar pelo forró de Gonzagão. Ao contrário da primeira essa não tem caráter crítico e sim enaltecedor. Aqui a batida do rap faz par num remix coma sanfona de Luiz Gonzaga.

“Fulô” é a na verdade flor, forma regional da fala coloquial onde ocorre a supressão da consoante no final. Nesta canção mais harmoniosa e dançante o que fica é o caráter do amor cotidiano, do amor pelo popular.

4. Considerações finais

Pode-se concluir que é inesgotável as facetas criativas quando o assunto é música popular e sua linguagem. Nota-se nas músicas de RAPadura seu apreço por sua terra demonstrando com sua linguagem regional como seu povo fala. Sendo assim é por seu léxico que se verifica a comunidade nordestina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALDAS, Waldenir. *Iniciação à música popular brasileira*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad.: Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. 1ª reimpr. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

MONTANARI, Valdir. *História da música: da Idade da Pedra à Idade do Rock*. São Paulo: Ática, 1988.

OLIVEIRA, Solange Ribeiro de. *Literatura e música: modulações pós-coloniais*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

PAZ, Ravel Giordano. O album de canções como obra litero-musical. In: *Anais XIII Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários: Relações Intersemióticas*. Araraquara: UNESP, 2012.

PERINI, Mario. *Sofrendo a gramática*. São Paulo: Ática, 1996.

TINHORÃO, José Ramos. *Música popular: um tema em debate*. 4. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____. *Pequena história da música popular segundo seus gêneros*. 7. ed. rev. São Paulo: Editora 34, 2013.